



ORIENTE MÉDIO

ONG acusa Israel de apoiar limpeza étnica

Relatório da Human Rights Watch aponta escalada sem precedentes nos ataques de colonos judeus e denuncia papel ativo das autoridades na promoção da violência. Autora de documento fala ao **Correio** e cobra reação da comunidade internacional

» RODRIGO CRAVEIRO

Desde janeiro de 2023, ataques de colonos judeus contra palestinos da Cisjordânia ocupada levaram ao deslocamento total ou parcial de 107 comunidades. Os colonos responsáveis por essas ações operam com o suporte financeiro, material e jurídico do Estado de Israel. É o que revela um relatório da organização não governamental Human Rights Watch (HRW). O estudo alerta que dezenas de comunidades correm o risco de desaparecer.

No dia em que a HRW apresentava o documento ao mundo, a casa do palestino-americano Loui Abu Ridi, 46 anos, seguia sob cerco de colonos judeus no vilarejo de Qusra (**leia nesta página**). A HRW investigou os ataques em sete comunidades da Cisjordânia: Al-Mughayyir, Mikhmas e Taybeh, perto de Ramallah; Jalud e Qaryut, na região de Nablus; e Khirbet Humsa e Muarrjat do Leste, no Vale do Jordão. Segundo a ONG, muitas vezes, colonos armados agiram em conjunto com as Forças de Defesa de Israel (IDF) — que não entrevistaram —, ao atacarem moradores e imóveis.

Em entrevista ao **Correio**, Sarah Sanbar — pesquisadora interina sobre Israel e Palestina da HRW e autora do relatório — afirmou que 2026 já é o ano com o maior número de ataques de colonos judeus. “Infelizmente, o número

Ahmad Gharabli/AFP



Oliveiras e prédios em Ramat Shlomo, assentamento judaico em área de Jerusalém Oriental anexada por Israel e povoada de palestinos

continua a crescer — média de 6,6 ataques todos os dias. Estamos falando de um tipo de violência que não envolve ‘maças podres’ ou delinquentes juvenis, como Benjamin Netanyahu referiu-se aos colonos judeus. São grupos organizados, apoiados pelo Estado de Israel”, afirmou. “O governo fornece financiamento, armas e cobertura legal para cometerem ataques contra palestinos na impunidade.”

Máximo e mínimo

De acordo com Sanbar, os colonos judeus compartilham a mesma meta do Estado de Israel: o máximo de terras e o mínimo de palestinos. “A Human Rights Watch está particularmente preocupada com a tensão crescente. As pessoas que entrevistamos disseram, repetidamente, que a sensação é de que não se trata de ‘se, mas de ‘quando’

surgirá alguma faísca capaz de incendiar o que, cada vez mais, se transforma em um barril de pólvora de tensões”, advertiu.

A pesquisadora da HRW admitiu que o padrão do que é considerado uma conduta aceitável nas hostilidades sempre foi muito mais baixo para os palestinos do que para outros povos. “O (massacre de) 7 de outubro apagou essa linha. Além disso, há um medo e uma

contínuos contra os palestinos.”

Em relatórios anteriores, a HRW concluiu que Israel tem cometido crimes de limpeza étnica nos territórios palestinos. “O que o governo israelense está fazendo — segundo suas próprias palavras — é seguir uma política de ‘máximo de terra, mínimo de palestinos’. O objetivo é tomar o máximo possível de terras palestinas, esvaziá-las de seus habitantes originais (o povo palestino) e incorporá-las a Israel”, reiterou Sanbar. Ela vê a violência dos colonos como elemento central.

“Há duas maneiras pelas quais o governo israelense tenta alcançar seu objetivo de obter o máximo de terra com o mínimo de palestinos. A primeira é usar a violência dos colonos como ferramenta para expulsar os palestinos de suas terras e apropriar-se delas. E a segunda ocorre quando o Estado declara áreas como terras estatais e constrói assentamentos ilegais.”

França, Itália, Reino Unido e Alemanha pediram que Israel ponha fim à expansão dos assentamentos na Cisjordânia e condenaram um enorme projeto de colonização. A nota diz respeito à licitação para a construção de 1.200 casas em uma área entre Jerusalém e o assentamento israelense de Maale Adumim. O projeto E1 aumentaria a separação entre a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, anexada por Israel e de população predominantemente palestina.

O homem confinado em sua própria casa

A família do palestino-americano Loui Abu Ridi, 46 anos, está há 12 dias impedida de atravessar o portão de sua casa e sair à rua. Do lado de fora dos muros do imóvel localizado no vilarejo de Qusra, na Cisjordânia ocupada, colonos judeus permanecem em postura desafiadora, usam quadriciclos para perturbar o sossego e fazem ameaças. “Aqui, em casa, somos sete pessoas. Tenho uma grande preocupação com a nossa segurança e tememos pelas nossas vidas. Os colonos têm conseguido vir e assediar a minha casa. Depois que as Forças de Defesa de Israel

(IDF) e a mídia internacional saírem, o que acontecerá? As IDF fracassaram e têm sido incapazes de retirar os colonos”, desabafou Loui, ao responder às perguntas do **Correio** por meio de um vídeo. Loui retornou dos Estados Unidos à casa na última segunda-feira.

De acordo com ele, a situação atual é “estressante, devastadora e aterrorizante”. “Nossa família recebeu suprimentos das Nações Unidas antes de eu chegar de viagem dos EUA. Mas os alimentos estão escasseando. Nos últimos três dias, temos solicitado a familiares que vivem em Qusra que nos forneçam

suprimentos”, contou Loui.

O palestino-americano explicou que as IDF não tem ajudado a reverter essa situação. “Os soldados também impõem um cerco a nós. Não nos permitem que nos movimentemos livremente. Os colonos têm vindo e cercado a nossa casa, e as IDF nada fazem sobre isso. Eles nos informaram que estão aqui para a nossa proteção e para a remoção dos colonos. Mas não é isso o que está acontecendo no terreno. Na segunda-feira, os colonos vieram e apertaram as mãos de soldados. Isso é devastador. Eles estão aqui, mas não fazem o seu

trabalho”, afirmou Loui.

Na quarta-feira, Loui Abu Ridi colocou uma bandeira dos Estados Unidos na sacada da casa. Ele disse esperar que o governo de Donald Trump ponha fim ao cerco em Qusra. “Esperamos poder nos deslocar livremente entre as casas. Também queremos que os EUA movam os colonos permanentemente dessa área.” Prefeito de Qusra, Abdelazim Wadim disse ao **Correio** que o cerco continuou à região de Ras Al Ain, onde está a casa de Loui, chegou ontem ao 12º dia. “Os colonos estão jogando os móveis de uma das casas pelas janelas. O imóvel foi esvaziado e está



Ilia Yefimovich/AFP

Loui Abu Ridi (D) compartilha refeição com familiares em Qusra

sendo ocupado por parte dos soldados. Assim como houve 11 mártires na cidade de Alqusur, quando as casas foram invadidas. Meu

irmão e meu sobrinho estão entre os mortos. O plano dos colonos é expulsar os palestinos de suas casas para então ocupá-las.” (RC)

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Calor tropical castiga e mata na Europa

As sucessivas ondas de calor extremos, acompanhadas por secas e incêndios florestais de dimensões históricas, já fizeram com que 80 milhões de pessoas na Europa Ocidental suportassem, ao menos por um dia, temperaturas superiores a 40 graus. O dado, apurado pela agência de notícias France-Presse (AFP), cobre o período entre 15 de julho e 15 de agosto — os primeiros dois meses do verão mais quente de que a região tem registro. Reunindo informações do Observatório Europeu da Seca e do Centro Comum de Pesquisas (populacionais), a AFP contabilizou também números inéditos de mortes relacionadas ao calor extremo, em especial entre setores mais vulneráveis, como os idosos.

O verão de 2026 supera por ampla margem os níveis observados nos verões de 2022 e 2025 no mesmo período, quando entre 55 milhões e 60 milhões de pessoas foram afetadas pelas altas temperaturas. Corresponde

ao dobro do total atingido em 2023, um marco na recente série de verões tórridos que os estudiosos associam às mudanças climáticas. Desde meados de junho, em diferentes momentos, os termômetros superaram os 40 graus à vista de contingentes inéditos de moradores da Europa Ocidental: 30 milhões na França, 23 milhões na Espanha, 8 milhões tanto na Alemanha quanto na Itália. Para 80% da população, a marca ficou acima dos 35 graus — inclusive em países mais ao norte, em geral poupados, como Bélgica, Holanda e Polônia.

Vítimas

Instituições relacionadas ao tema e autoridades de saúde europeias ainda contabilizam as vítimas da onda histórica de calor, mas o balanço inicial exhibe números que expressam a gravidade da situação — tanto mais com um mês de verão pela frente e previsão de novas

Damian Meyer/AFP



Imagem dramática do Rio Loire, o mais extenso da França: três semanas de temperaturas tropicais provocam seca histórica

80 MILHÕES

Total aproximado de habitantes que experimentaram temperaturas acima de 40 graus na Europa Ocidental

altas de temperatura. Na Alemanha, o Instituto Robert Koch, principal agência de saúde pública, estima um total próximo a 14 mil mortes até 9 de agosto. A primeira semana de verão, de 22 a 28 de junho, responde por 9.600 vítimas. O recorde anterior, de 2018, chegou próximo a 8.900 para toda a estação.

O relatório do Robert Koch define a faixa etária acima de 75 anos como a mais atingida. “Em alguns casos, como os de ataques cardíacos, a

exposição ao calor extremo leva diretamente à morte”, diz o texto. “Na maior parte, porém, ela resulta de uma combinação com condições médicas pré-existentes, e por isso muitas vezes o calor não consta nos atestados de óbito como a causa subjacente”, observa o estudo. “É preciso empregar métodos estatísticos para estimar a dimensão das mortes relacionadas a temperaturas extremas.”

Na França, as autoridades apresentaram um balanço provisório de mais de 7 mil mortes pelo calor entre meados de junho e 22 de julho, antes de outra onda de calor, que durou pelo menos 23 dias. Na Espanha, o Instituto de Saúde Carlos III, de Madri, atribuiu cerca de 4.500 mortes às altas temperaturas entre 1º de junho e 19 de agosto, o maior número para esse período desde 2022.